



## **LIVROS DE LEITURA OBRIGATÓRIA - UNICAMP 2021**

**1- A FALÊNCIA (Júlia Lopes de Almeida)**

**2-O ATENEU (Raul Pompeia)**

**3- O ESPELHO E OUTROS CONTOS MACHADIANOS ( Machado de Assis)**

**4-O MARINHEIRO (Fernando Pessoa)**

**5-SOBREVIVENDO NO INFERNO ( Racionais MC's)**

**6-SERMÕES DO PADRE VIEIRA (Antônio Vieira )**

**7-SONETOS DE LUIS DE CAMÕES ( João de Almeida Lucas)**

# A FALÊNCIA

Autor: Júlia Lopes de Almeida

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Romance - Gênero: Realismo

Autora de traços realistas que gozava de grande popularidade em sua época, Júlia Lopes foi praticamente esquecida pela crítica e pelo público após a revolução desencadeada pelos modernistas em 1922. Verdadeira injustiça contra uma autora tão competente e tão próxima dos grandes nomes do seu tempo, entre eles o próprio Machado de Assis, de quem era amiga. Infelizmente, o machismo do tempo a privou de ter uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, instituição que Júlia ajudou a criar.

No romance A Falência (1901), Julia apresenta um retrato sensível e profundo de uma parte da sociedade brasileira de seu tempo, os comerciantes de café que faziam fortuna intermediando os negócios entre os fazendeiros (produtores) e o mercado externo (consumidores), na República recém-proclamada, marcada fortemente pela cultura escravista e pelas práticas clientelistas sempre presentes no Brasil.

Fruto de um processo de quinze anos de elaboração, A Falência retrata a vida de Francisco Teodoro, português que chega ainda criança ao Rio de Janeiro e aos poucos faz fortuna. Quando os negócios vão bem, decide se casar com a bela Camila atendendo às convenções sociais do tempo. Do casamento sem amor, nascem quatro filhos, Mário (playboy), Ruth (sonhadora) e as pequenas gêmeas, Rachel e Lia. A vida social de Camila é rica, marcada por festas e pela presença constante do amante, Dr. Gervásio. Também participa da vida da família a sobrinha Nina, tratada como serviçal da casa.

A aparente estabilidade é rompida quando Teodoro, o financiador dos luxos, perde tudo em um negócio mal desenhado no mercado de café. A falência o leva ao desespero absoluto e ao suicídio. Desamparada, Camila deve abandonar a casa e os luxos, sendo salva pela sobrinha, Nina, que a acolhe em sua casa modesta. Enquanto todos trabalham para se sustentar, Camila ainda sonha com a grandeza, que espera recuperar pelas mãos do filho, que se casara com a rica Paquita, mas que não cumpre as expectativas da mãe. Abandonada também pelo amante, Camila se vê diante de outra falência, de ordem moral, pois se encontra também sem dignidade e respeito social.

Traçando de forma muito competente os perfis psicológicos das personagens, Julia Lopes de Almeida apresenta ao leitor uma ampla série de conflitos humanos, mostrando as ambivalências das escolhas e das condutas conforme os valores que regiam os comportamentos dos comerciantes abastados do século XIX. Importante e sensível documento do caráter humano, dedicado a criticar as ilusões e as hipocrisias que os seres humanos criam para si mesmos.

# O ATENEU

Autor: Raul Pompeia

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Realismo/Naturalismo

Raul Pompéia (1863 —1895), escritor carioca nascido em uma família de comerciantes abastados, aos 11 anos é matriculado por seu pai no Colégio Abílio, internato que dará origem ao livro O Ateneu. Muito provavelmente, a maioria das memórias desse romance deriva desse período da vida do autor. Abolicionista e republicano, tem intensa participação na cultura da época.

O período literário compreende o do Realismo / Naturalismo, no entanto O Ateneu tem um estilo inovador e único. Uma das riquezas do livro é a sua multiplicidade de relações com os movimentos e tendências da época: Naturalismo, Realismo, Expressionismo, Impressionismo e o Parnasianismo. Como obra-prima, O Ateneu resiste aos rótulos, por meio de sua estrutura que suporta várias abordagens e repele as classificações apressadas.

O período literário compreende o do Realismo / Naturalismo, no entanto O Ateneu tem um estilo inovador e único. Uma das riquezas do livro é a sua multiplicidade de relações com os movimentos e tendências da época: Naturalismo, Realismo, Expressionismo, Impressionismo e o Parnasianismo. Como obra-prima, O Ateneu resiste aos rótulos, por meio de sua estrutura que suporta várias abordagens e repele as classificações apressadas.

A obra é dividida em 12 capítulos inominados e numerados por cardinais. Os capítulos funcionam como uma sequência de quadros que não são necessariamente subordinados entre si, criando-se uma percepção episódica das memórias do autor. O Ateneu começa a ser publicado em folhetins, em abril de 1888, na Gazeta de Notícias. A publicação em volume acontece no mesmo ano.

Sérgio (alter ego de Raul Pompéia) é o narrador-personagem que conta, já adulto, o período de dois anos em que viveu em um colégio interno no Rio de Janeiro, voltado para as famílias abastadas. A narração foca em uma galeria de personagens e acontecimentos derivados dessas memórias, ao lado das dificuldades de amadurecimento e incomunicabilidade. O romance tem início quando o pai de Sérgio diz: "Vais encontrar o mundo (...) Coragem para a luta." Segue-se a vida do colegial de onze anos, enfrentando sozinho o mundo fechado de um internato, ao mesmo tempo sentindo-se despreparado e desprotegido. A amargura e o pessimismo direcionam quase todos os participantes da trama. As personagens são caricaturas. Refletem a vingança de Sérgio contra a instituição. Ainda em tom confessional, Sérgio traz observações sobre colegas e professores. Mantendo a tonalidade ressentida, principalmente em relação ao diretor Aristarco, representação do autoritarismo e a da repressão, excetua-se algumas poucas personagens masculinas (Dr. Cláudio, o pai e Bento Alves) e femininas (D. Ema, esposa do diretor, por quem Sérgio terá especial afeição), todos entram numa galeria de relacionamentos escusos e interesseiros. Os colegas são tratados de forma áspera, grosseira, em que a ausência de sensibilidade é patente. Movem-se como marionetes, seres tipificados como Franco, que recebe todas as desfeitas do colégio. A narrativa termina com o incêndio do colégio causado por Américo.

A trama desenrola-se cronologicamente durante o período próximo de dois anos, da chegada de Sérgio até o incêndio no colégio, durante a última década do séc. XIX. Por outro lado, o tempo psicológico das memórias aparece por flashes backs durante vários momentos da narração, criando-se várias percepções temporais para a narrativa, evitando-se a linearidade narrativa.

# O ESPELHO E OUTROS CONTOS MACHADIANOS

Autor: Machado de Assis

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Conto - Gênero: Realismo

“O espelho” tem como subtítulo “esboço de uma nova teoria sobre a alma humana” e está inserido em Papéis Avulsos livro que reúne contos da melhor fase machadiana. Nessa pequena obra-prima, Machado esmiúça com acuidade os aspectos psicológicos, colocando em confronto problemas do ser e do parecer, do público e do privado, do social e do individual, bem como tece considerações críticas a partir do jogo entre a importância de se ter uma máscara frente à sociedade, por ele nomeada como alma exterior.

O conto parte de uma matriz filosófica que afirma existirem duas almas, uma que olha de dentro para fora, sendo chamada de alma interior; outra que olha e fora para dentro, ou seja, a alma exterior. A primeira depende tão somente de si mesmo, da formação, dos mais intrínsecos aspectos da personalidade do homem; a segunda é moldada a partir do que os outros veem em nós, a forma como o eu interior se apresenta para a sociedade em que vive.

Essa teoria é exposta em uma conversa em que Jacobina, personagem central, homem de cerca de 45 anos, em conversa com alguns pares que discutem assuntos de alta transcendência. Em dado momento, Jacobina, que se mantinha calado até então, é conclamado a falar. Ele toma a palavra para si e conta uma experiência de sua vida que o fez chegar à conclusão de que existem duas almas e uma sem a outra torna o ser humano metafisicamente incompleto.

Aos 25 anos, Jacobina fora nomeado alferes, cargo de certa notoriedade à época do império e que provocara inveja de uns e reverências de outros. Passados alguns dias de vida turbulenta e de parabenizações, o recém nomeado alferes é convidado por Marcolina, uma tia distante, para passar alguns dias no sítio dela. Por reverência à posição recém adquirida do sobrinho, Marcolina coloca no quarto dele um espelho, melhor mobília da casa. O espelho serve para dignificar o homem em sua farda de alferes, tornando-o reflexo do que os outros acham e pensam dele. Mas, na medida em que triunfa o homem em sua posição social, o homem interior vai perdendo seus rumos e, gradativamente, desaparece. Marcolina é chamada às pressas para uma viagem e ela segue com o irmão de seu finado marido. Jacobina fica só, em companhia dos escravos que também, depois de alguns dias, fogem e deixam o convidado à mercê da mais completa solidão.

Os dias vão passando e enquanto o tempo avança, a figura de Jacobina esmaece, a ponto de quase não mais ter sua imagem gravada no grande espelho de seu quarto. No meio da mais completa solidão e no silêncio total do sítio, o personagem central sente sua alma esvaída, refletindo em sua aparência física, todas as deformações de sua alma interior. A angústia aumenta conforme aumenta a ansiedade do personagem. Enquanto a imagem dele vai desaparecendo do espelho, Jacobina enfrenta uma profunda crise existencial. Certo dia, lembra-se ele de vestir a farda de alferes e qual não é sua surpresa quando, ao passar em frente ao espelho, vê sua imagem refletida com nitidez. Essa experiência o fez concluir que ele havia encontrado sua alma exterior.

Após esse relato, quando os ouvintes voltam a si, o narrador havia descido as escadas.

# O MARINHEIRO

Autor: Fernando Pessoa

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Modernismo Português; Gênero: teatro

Fernando António Nogueira Pessoa (Lisboa, 1888 – Lisboa, 1935), Foi inventor da heteronímia, que compõe parte expressiva de sua obra, considerada como uma das ideias literárias mais relevantes do século XX. A peça O Marinheiro – drama estático em um quadro saiu originalmente em 1915 no primeiro número da revista vanguardista Orpheu, marco do modernismo português.

A peça se inicia em uma torre circular de um castelo antigo com quatro tochas aos cantos em que três mulheres velam o corpo de uma donzela vestida de branco, ao centro do cenário. Não há indicação de espaço ou tempo. Há uma janela voltada para um espaço de mar. O quadro acontece de noite, com um “resto vago de luar”, criando-se um clima misterioso, naturalmente simbólico, a partir desta cenografia.

Dessa concepção cênica decorre um diálogo entre as veladoras que vai até o raiar do dia. O diálogo é construído pela espera das veladoras, espera de um acontecimento que simplesmente não vem, por meio de frases alegóricas, como a fala inicial: “Ainda não deu hora nenhuma”, criando níveis de leitura para a peça. Um deles, de se notar, seria a notação política, a partir da afirmação da segunda veladora: “Todo este país é muito triste”, que assume um contorno referencial à crise cultural portuguesa, potência do século XV e

XVI, que se torna, em um país marcado pela derrocada econômica e política, principalmente depois do Domínio Espanhol (1580-1640).

Nesse espaço de imobilidade, a segunda veladora relata um sonho que tivera com um marinheiro de terras distantes, que não consegue voltar para a própria pátria. Logo, diante dessa dificuldade, o marinheiro sonha ter vivido em uma pátria imaginada, e, ao tentar relembrar a verdadeira pátria de nascença, já não o consegue mais, ficando preso no próprio sonho. Desse modo, a pátria do marinheiro torna-se a pátria do sonho. A conclusão de que tudo é sonho faz com que as veladoras se diluam em uma única voz – pura linguagem – em que a própria consciência das personagens é dissolvida, sugerindo uma quinta pessoa na torre, que pode ser, em um viés metalinguístico, o próprio autor que dirige a fala e comanda, como uma força invisível, um sonho dentro de outro.

Por meio dessas ideias, possibilita-se a leitura da impotência humana, o ser humano como títere do desconhecido, propiciando um recorte existencial que beira o desespero e sinaliza o horror como instância última da peça.

Esse “teatro estático” encerra uma polissemia importante: por um lado, estático significa sem ação ou sem movimento; por outro, aponta para a ideia de êxtase, em um estado para fora de si, de natureza mística. É comum, portanto, no que se refere a essa vertente misteriosa, a associação com o Simbolismo, movimento literário que teve muita força no final do século XIX e que seguiu influenciando as primeiras décadas do século XX.

# **SOBREVIVENDO NO INFERNO**

Autor: Racionais MC's

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Álbum Musical - Gênero: Rap

No final da década de 1980, no Capão Redondo, periferia de São Paulo, surgiu o quarteto de rap Racionais MC's formado pelos vocalistas Mano Brown, Ice Blue e Edi Rock e pelo DJ KL Jay. Após alcançar renome na cena hip-hop paulistana em polêmicas apresentações, o grupo atingiu fama nacional com o álbum *Sobrevivendo no Inferno*, de 1997.

A capa e a contracapa do disco trazem ícones religiosos: na imagem frontal, o vermelho das letras ("Racionais MC's") remete a sangue, e, biblicamente, a vida – algo reforçado pela figura da cruz; na contracapa, uma representação da violência iminente, com o destaque para uma pistola sendo empunhada. Essas imagens resumem a principal temática das letras do álbum: o embate e a convivência entre a fé e a violência.

*Sobrevivendo no Inferno* apresenta 12 faixas, dentre elas dez canções, uma declamação de um depoimento e uma música instrumental.

Desde a faixa de abertura, e ao longo de toda a obra, a cultura negra é reverenciada, seja por referências a orixás e outros traços de religiões de matrizes africanas, seja por elementos da cultura black experienciados nas regiões menos atendidas de São Paulo. O sincretismo religioso (sobretudo da Umbanda com o Catolicismo) é também uma marca recorrente nas letras das canções.

Bem ao gosto do estilo rap, sobressai no disco o caráter crítico, que ganha o tom de denúncia social ao analisar a condição marginalizada do negro. Os sujeitos poéticos das canções representam (ou contam sobre) indivíduos socialmente excluídos que tentam achar meios de se manterem vivos e de se sustentarem, envoltos nos desfavorecimentos da periferia, que é seu inferno. Para isso, ora apelam à violência, ora se defendem dela; ora buscam amparo religioso, ora criticam figuras consideradas sagradas.

As mensagens do disco flutuam entre um tom de crônica amena – tentando buscar uma “fórmula mágica da paz” ou querendo encontrar refúgio no “mundo mágico de Oz” – e um tom de denúncia da desigualdade aguda, ao analisar a realidade periférica mais cruel e pungente, como em “Capítulo 4, versículo 3” e, principalmente, em “Diário de um detento”. Esta, o registro coletivo dos presidiários da extinta Casa de Detenção de São Paulo (o “Carandiru”), alcançou as rádios da época, mesmo tratando de um assunto tão espinhoso: a desumanidade cotidiana da vida no presídio e o “Massacre do Carandiru”, como ficou conhecido o episódio do assassinato dos 111 detentos por ordem da Secretaria de Segurança Pública, em uma rebelião interna, em outubro de 1992.

Sobrevivendo no Inferno se revela um manifesto político e social, que ressalta a dureza do cotidiano com que convive o negro residente na periferia ou advindo dela. Impressões pessoais da realidade mais brutal e chocante convivem com certas nuances de leveza permeadas de religiosidade, esperança, paz e representatividade da população pobre e negra – esses elementos contribuem para o tom de denúncia moral e social que o álbum consegue transmitir ao ouvinte.

## **SERMÕES DO PADRE VIEIRA**

Autor: Antônio Vieira

### COMENTÁRIOS

Movimento literário: Gênero: sermões

A complexa história do XVII se confunde com a própria vida do Padre Antonio Vieira (1608-1697), jesuíta, produtivo orador, filósofo e político que se dedicou ao reestabelecimento e desenvolvimento do império português.

Dentro da vasta obra de Vieira, com centenas de sermões, se destacam os três intitulados "Sermão de Quarta Feira de Cinzas". Reunidos, compõem uma reflexão coerente e ordenada sobre a moral. No entanto, a publicação dos três sermões se espalha no tempo, sendo o primeiro e o segundo, proferidos em Roma, na Igreja de Santo Antonio dos Portugueses, respectivamente, nos anos de 1672 e 1673. Já o terceiro não foi proferido ao vivo, tendo sido publicado em livro posteriormente. São obras produzidas quando o autor já estava na casa dos sessenta anos e contava com décadas de experiência no uso de técnicas retóricas para a elaboração de discursos.

O sermão, como parte da missa, consiste no comentário que o padre realiza sobre a leitura de textos bíblicos, que por sua vez seguem o calendário eclesiástico. Conforme estipulado pelas normas religiosas, o sacerdote deve elucidar o conteúdo sagrado do texto e apresentar questões contemporâneas, tornando assim o sermão do século XVII uma janela privilegiada para observar a vida de então. Atendendo aos princípios de adequação, o tema do sermão deve ser consonante ao tema religioso, no caso, a Quarta-Feira de Cinzas, feriado católico que determina o início da Quaresma, período de penitências

que antecede à Páscoa. A Quarta-Feria de Cinzas recebe esse nome por conta do ritual conhecido como "Benção e Imposição das Cinzas", que serve para lembrar ao fiel a finitude e insignificância da vida diante da vida eterna.

Partindo desse tema, os sermões procuram ensinar a melhor forma de se preparar para a morte, a fim de garantir o Paraíso. Trata-se de sermões de conteúdo filosófico, mais especificamente de filosofia moral, pois procuram ensinar a viver corretamente. De forma simples, o primeiro sermão lembra o fiel de que a vida é breve e o ser humano não é tão importante como presume. Já o segundo, ensina que é necessário matar as vaidades e, assim, ser humilde, afastando o medo de morrer (fruto das vaidades). Para aquele que mata a própria vaidade, o terceiro sermão ensina as vantagens de estar pronto para a morte e continuar a agir eticamente.

Composições primorosas, os três sermões são exemplos perfeitos do bom uso da língua portuguesa para compor cadeias de raciocínios habilidosas e coerentes, argumentações a um só tempo sólidas e elegantes, além de transcender os limites do catolicismo ao discutir tema filosófico relevante: a humildade.

# SONETOS DE LUIS DE CAMÕES

Autor: João de Almeida Lucas

## COMENTÁRIOS

Movimento literário: Classicismo português

Luís Vaz de Camões (1524/5 – 1578), sua biografia é feita mais de suposições do que de fatos: segundo a tradição, consideram-no além de poeta, soldado e viajante, tendo ficado mais de quinze anos no Oriente. Morreu em estado de penúria.

Comumente, é considerado o maior poeta da língua, uma vez que no século XVI as virtualidades gramaticais do português estavam em formação e a obra de Camões auxilia na visão geral do alcance do idioma, tornando-se o grande modelo da língua portuguesa moderna. Além disso, Camões torna-se símbolo nacional português por toda a importância de sua obra. O aniversário de morte do poeta, 10 de junho, é comemorado hoje o Dia de Portugal.

O poeta está inserido no Classicismo português, que por sua vez deriva do contexto do Renascimento europeu. Por se situar próximo ao final do XVI, também pode ser compreendido como pertencente ao Maneirismo, ou seja, denominação utilizada para nomear o período de transição entre o Classicismo e o Barroco, principalmente no tocante à percepção do mundo por um viés estritamente racionalista, marca da escrita clássica que Camões coloca em questão e prefigura a escrita do XVII.

No que se refere à poesia lírica, escreve tanto em medida velha quanto em medida nova, tanto em português quanto em espanhol. No século XVI, a fórmula é emular (imitar para superar).

Desse modo, o grande poeta antecessor, no caso de Camões, foi o italiano Francesco Petrarca (1304-1374) que serviu de modelo para a escrita do poeta português, principalmente no que se refere aos poemas de amor e ao uso de uma musa, a Laura de Petrarca criou a possibilidade da Dinamene de Camões.

A publicação da obra lírica de Camões é póstuma. Nesse caso, houve a seleção para o vestibular de 20 sonetos que ilustram os pontos principais de sua obra.

Escritos em medida nova, respeitam as regras do soneto petrarquista com o uso do decassílabo, todos com esquema rímico definido. Estilisticamente, há o uso de metáforas, antíteses e paradoxos que abundam nos poemas.

Nos sonetos selecionados, trabalham-se temas como o amor conturbado (embate entre o amor neoplatônico e o amor carnal), bem como temas filosóficos: a efemeridade das coisas, a passagem do tempo e o desconcerto do mundo (sujeito e mundo nunca entram em acordo, causando incompreensão e angústia) além de temas religiosos, com comentários ou representações bíblicas. Camões torna-se o poeta que sintetiza o conhecimento da antiguidade clássica em meio ao início da era moderna. Os poemas transcorrem no contexto do século XVI. Apesar disso, convocam mitos e musas de épocas anteriores, tanto do universo bíblico cristão quanto os mitos pagãos greco-latinos.

Alguns espaços aparecem no imaginário camoniano: Portugal, China, África, entre outros. A ideia da viagem é central na poesia de Camões, já que resume a curiosidade e a vontade de conhecer, características do artista do século XVI, calcadas no universalismo e no humanismo.